

«Um romance com revelações
e cenas de época envolventes
que não conseguirá parar de ler.»

PUBLISHERS WEEKLY

PERFEITO
PARA FÃS DE
JANE AUSTEN

A
DIRETORA
de
ROSEMERE

SARAH E. LADD

TOP
SEL
LER

*É com todo o amor que dedico este romance aos meus pais,
Ann e Wayne. Agradeço-vos por me terem acompanhado
nesta viagem e por acreditarem nos meus sonhos.*

1



Darbury, Inglaterra
Fevereiro de 1816

William Sterling não tinha a mínima dúvida. Alguém o seguia.

Era um alvo fácil — agora mais do que nunca. Sabia perfeitamente que não devia atravessar a charneca a uma hora tão tardia, quando a neblina da meia-noite ocultava a luz acinzentada do luar e a neve recente dava uma ilusão de regularidade ao terreno que pisava.

O piar triste de um mocho cortou o desconfortável silêncio da noite e, com um estalo agudo da língua, William incentivou a montada a estugar o passo.

Evitara a estrada principal que levava diretamente ao portão de ferro de Eastmore Hall por ser demasiado larga e exposta. Preferira o caminho das carroças que ia da pequena vila de Darbury a Wainslow Peak, pois o trilho estreito e coberto de neve também ajudava a ocultá-lo.

O puro-sangue que montava empinava-se e derrapava para a esquerda, lançando a magnífica cabeça numa indignação tenaz. William desconfiou da cautela do cavalo. Talvez o teimoso animal fosse mais inteligente do que ele.

Podia desmontar e conduzir *Angus* a pé, de volta para Eastmore Hall. Tendo em conta o gelo e o vento, seria menos traiçoeiro. Mas o caminho seria longo e abrandar-lhe-ia consideravelmente o ritmo.

Assim que lhe surgiu a ideia, voltou a lembrar-se dos dois tipos com um ar suspeito que tinham estado a observá-lo na estalagem de Griffin's End.

Não. Ele necessitava uma vez mais da proteção de Eastmore Hall. Imediatamente.

William apertou os joelhos nos flancos do animal e olhou outra vez para trás.

— Iaa!

Apesar do ar gélido, a transpiração escorria-lhe das têmporas. Na incerteza, o tempo parecia passar devagar. Chegou ao cimo de Wainslow Peak, que pouco mais era do que uma pequena colina com antigos afloramentos de pedra, e obrigou o cavalo a dar a volta na clareira junto a Sterling Wood. Encheu os pulmões com o ar gelado e observou a paisagem sombria.

A erva coberta de neve estendia-se até ao vale do rio Thaughley. A Lua, em quarto minguante, caía sobre o Colégio Feminino de Rosemere — de que era seu arrendatário.

Se ao menos Eastmore Hall estivesse tão perto.

Com um movimento da mão enluvada, puxou para a testa o chapéu de aba larga e voltou a montada na direção de casa. Sem qualquer aviso, um enorme cavalo escuro catapultou de dentro dos freixos e das bétulas e deslizou, bloqueando-lhe o caminho e provocando uma nuvem de neve e terra. Das narinas do animal subiam colunas de fumo branco. *Angus* empinou-se e o seu relinchar ruidoso e frenético penetrou o silêncio misterioso. Com a força que o choque lhe conferiu, William apertou as pernas em volta da cilha do cavalo e inclinou-se para a frente. Rodou a cabeça, procurando uma passagem para se libertar das rochas escarpadas que o enjaulavam. Porém, ao invés de uma saída, encontrou à sua frente outro homem a cavalo.

— Desmonta, Sterling!

Com o pulso acelerado, William humedeceu os lábios e deu um puxão nas rédeas, obrigando o animal nervoso a dar meia-volta, desesperado por fugir. Todos os incidentes sórdidos que haviam conduzido àquele momento lhe passaram pela mente, com detalhes

nítidos. O remorso de nada serviria naquele momento, não quando tinha uma pistola apontada ao peito.

— Eu disse: desmonta!

William voltou-se. O cano de uma terceira pistola desafiou-o.

Cercado.

Resmungando, William saltou da sela e aterrou com as botas altas na neve. Se fosse homem de rezar, aquele seria o momento de usar as preces. Mas não tinha salvação.

Largou as rédeas e ergueu ambas as mãos.

O primeiro homem aproximou-se, apontando-lhe a pistola.

— As apresentações não são necessárias, pois não, Sterling? Atrevo-me a dizer que sabes por que motivo aqui estamos.

William estremeceu quando o homem da capa se aproximou. Fez um esforço para falar em voz baixa.

— Tenho pouco dinheiro comigo, se é isso que procuram.

— Não vim pelo teu dinheiro. Trata-se do dinheiro do Capitão Rafertee.

William sentiu os olhos a arder da transpiração.

— Entreguei a minha promissória ao Rafertee. Acordámos o prazo. Tenho ainda três meses para lhe dar o dinheiro, e é o que farei.

O homem esboçou um sorriso trocista e voltou-se para olhar para quem estava atrás de si.

— Três meses, rapazes. O que acham? Parece-me muito, mas muito tempo.

Os homens soltaram um riso abafado. William cerrou os dentes quando sentiu a pistola encostada ao tecido de lã do seu sobretudo.

A voz grave do desconhecido era tão ameaçadora como a pistola.

— Fiquei preocupado, compreendes? Saíste de Londres a toda a pressa. Em segredo, como se quisesses evitar-nos. Nem sequer te despediste. E já passou muito tempo. — Uma expressão de desprezo passou pelo rosto do homem enquanto o luar incidia sobre os seus dentes tortos. O latejar da cabeça de William intensificou-se. Os homens riam-se, atrás do acusador. — Precisamos de recordar a este elegante cavalheiro que o capitão não levará a bem se o seu dinheiro

não estiver disponível quando puser o pé em terra, depois de tantos meses no mar. E é meu dever garantir que o capitão não se aborrece.

O homem agarrou o casaco de William, desapertou-lhe um botão e arrancou-lhe a bolsa de couro que tinha junto ao corpo. Sem olhar para o que obtivera, o desconhecido atirou a bolsa a um dos seus homens.

O atacante de William inclinou-se mais. O seu hálito fedia a cerveja. Se tivesse sido apenas um homem, William ter-se-ia atrevido a ripostar. Conseguia defender-se bem numa rixa, mas a experiência dizia-lhe que, com três, não teria grandes possibilidades. Um homem saiu de trás dos outros, avançou, deu uma palmada na garupa de *Angus* e gritou, o que fez com que o animal partisse na escuridão da noite.

Sem cavalo, William ficava à mercê deles. Comprimiu os lábios e olhou para as nuvens que se agitavam.

Esta noite irei ter com o meu criador.

Sentiu a arma enterrada no ventre. William ergueu o peito e fez um esforço para olhar para o assaltante. Não conhecia a identidade do homem, mas de uma coisa tinha a certeza: Rafertee dava-se com gente da pior espécie. Com os homens mais perigosos e cruéis.

William tinha a obrigação de o saber, pois já fizera o mesmo.

Mudou de posição.

— Todo o meu dinheiro está aí. Nada mais tenho para vos dar. Se me matarem, nunca mais conseguirão o resto. O que terá então o Rafertee a dizer?

O chapéu de aba larga, puxado para a testa, ocultava os olhos do homem.

— Considera esta visita um avivar da memória. Ou o capitão recebe o seu dinheiro, ou morres. — Um riso sardónico soou, vindo do rosto rude do homem. — Para que saibas, serei eu que terei o prazer de cumprir essa ordem.

Sem outra palavra, o homem enfiou o punho fechado no ventre de William, roubando-lhe o ar dos pulmões, empurrando-o para trás e obrigando-o a perder o equilíbrio sobre o tapete gelado da charneca. O impulso súbito fê-lo bater contra a rocha escarpada. Antes

que pudesse recuperar o equilíbrio, alguém o agarrou pelo casaco e lhe aplicou um soco na cara. Caiu. A cabeça bateu na rocha. Tentou levantar-se, mas, ao fazê-lo, um dos embuçados atingiu-o no estômago, com pontapés.

William caiu de rosto no chão. Uma forma aproximou-se, mas ele não se mexeu. Não conseguia, nem que o desejasse.

— Três meses, Sterling.

Mais um potente pontapé e estrelas brancas toldaram-lhe a visão, obrigando-o a curvar-se de dor. Tinha a respiração entrecortada e ardente como fogo.

William não conseguia decifrar as palavras pronunciadas pelas vozes abafadas. Um túnel de som sussurrava junto dele. Depois, o chão começou a estremecer com o embate dos cascos dos cavalos que se afastavam.

Estás vivo.

Deixou-se ficar estendido no chão gelado e gemeu. Dentro da sua cabeça havia vozes trocistas, mais do que as dos seus atacantes, e eram impossíveis de ignorar.

Tendo em conta o teu estado, deves sentir-te grato.

Depois, tudo ficou imóvel e silencioso, salvo o assobio do vento através dos ramos despidos. William analisou o seu estado, membro a membro. Nada parecia partido, mas sentia um olho a fechar-se, de tão inchado, e o sangue salgado cobria-lhe os lábios.

Depois de várias tentativas, conseguiu voltar-se para se pôr de joelhos. A neve começara de novo a cair e acumulava-se sobre o seu casaco. Agitou os braços para a sacudir.

Experimentou assobiar, na esperança de que, por milagre, *Angus* o ouvisse, mas o seu lábio superior mostrava-se incapaz de cumprir a tarefa. Assim, esperou, à escuta da indicação de que o cavalo não o abandonara.

Não ouviu nada, exceto o triste piar dos mochos na charneca distante.

Gritou o mais alto que os pulmões lhe permitiam:

— *Angus!*

Nada.

Com a cabeça a latejar e as costelas doridas, até o simples respirar se tornava difícil. Desorientado, observou as cercanias. Se tivesse sido um senhor rural mais atento, saberia exatamente a que distância se encontrava de casa. Estaria familiarizado com todas as árvores, com todos os cepos. Com todos os montes e vales. Mas, naquela confusão, não tinha a certeza. Quando se voltou, reparou no contorno escuro das chaminés acima das copas das árvores cobertas de neve.

Rosemere.

O vento frio de leste fazia-se acompanhar de um nevão. William estendeu a mão para o chapéu que caíra durante o ataque e sacudiu-o, batendo com ele na perna. Tinha agora o olho esquerdo completamente fechado. Algo quente escorria-lhe pela face, mas os seus músculos doíam-lhe tanto que nem tintou limpá-la.

O som familiar dos cascos veio na sua direção e depois parou.

O pânico invadiu-o. Correu a abrigar-se debaixo de um arbusto. Depois voltou-se e viu, não os homens de Rafertee, mas *Angus*, que entrava na clareira, abanando a cabeça.

Afinal, talvez conseguisse regressar a Eastmore.

Mas, quando se pôs de pé, sentiu o chão a girar e vacilou. Conseguiu pôr um pé diante do outro, mas, depois de duas tentativas para montar, apercebeu-se de que, no seu estado, nunca seria capaz de cavalgar. Olhou para Rosemere, quase sem ser capaz de discernir o pequeno estábulo que se encontrava além do muro do pátio. Teria outra opção?

2



Patience Creighton apertou com uma mão o xaile tecido em ponto lasso, que trazia em redor do pescoço e, com a outra, ergueu a lanterna acima da cabeça.

— Ele está... morto?

Sem esperar que George, o criado, respondesse, ajoelhou-se ao lado do desconhecido maltratado e estremeceu à vista da pálpebra roxa e inchada e do sangue seco que lhe cobria os lábios.

— Não, não está morto. — O constante cheiro a couro do criado indicava a sua proximidade. — Por enquanto.

Patience estendeu a mão trémula para tocar no peito do homem, hesitante, como se com apenas um toque ele pudesse regressar à vida e agarrá-la. Mas os seus dedos tocaram na lã húmida e áspera da capa e ele nem sequer estremeceu.

— Quem é? — perguntou, sem afastar os olhos do corpo imóvel.

— É William Sterling. Não o reconhece?

O nome do seu senhorio era o último que esperava ouvir.

— Não pode ser o William Sterling de Eastmore Hall!

— Pode. É ele mesmo.

Aflita, Patience ergueu ainda mais a lanterna e inclinou-se para ver as feições do homem à luz trémula. A cabeça descoberta do Sr. Sterling jazia no chão sujo. Tinha um corte profundo na testa e a barba de alguns dias escurecia-lhe o maxilar quadrado.

— Onde o encontraste?

— Aqui mesmo. Tinha vindo tratar das minhas tarefas matinais, como sempre faço. E aqui estava ele, estendido no chão do estábulo, exatamente como a senhora o vê agora. — O criado ajoelhou-se ao lado dela. — O cavalo estava no pátio, selado e junto ao estábulo. O Charlie está a tratar dele.

Uma rajada de vento frio entrou pela porta entreaberta, que se escancarou, batendo com estrondo na parede de madeira do estábulo, atingindo-os com flocos de neve.

Patience abanou ao de leve o ombro do Sr. Sterling, na esperança de uma reação, mas nada obteve. A respiração do homem parecia tão superficial que se perguntou se ele estaria ainda a respirar.

— Temos de o tirar do frio. A Mary já acendeu a lareira na cozinha. Vamos depressa.

George empurrou-a para o lado e inclinou-se para pôr os braços por baixo de William Sterling. Depois chamou o cavalição.

— Charlie, vem ajudar-me!

— Chiu, George! — Patience agitou as mãos para que o criado falasse em voz baixa. Lançou um olhar ansioso por cima do ombro em direção à casa escura. A última coisa de que necessitava era de que as 29 impressionáveis alunas de Rosemere acordassem para ver um homem meio-morto a ser retirado em braços do estábulo.

A histeria duraria meses.

— Não podemos acordar as meninas. — Patience pôs-se de pé e apertou o xaile em volta dos ombros. — Leva-o pela cozinha e logo veremos o que fazer.

Deixando George e Charlie a tratar do visitante, Patience saiu do estábulo e percorreu o caminho que ia dar à cozinha pelas traseiras da casa, já com o vento gelado a apertar-lhe a respiração.

Entrou rapidamente na cozinha, e Mary, a velha governanta, olhou para ela com ansiedade, com as faces afoguedadas de estar a tratar do lume.

— Então? O que se passa?

Patience pendurou o xaile num cabide, ainda com o pulso acelerado devido à perturbação dessa manhã.

— É o Sr. Sterling de Eastmore Hall. Está inconsciente. Deve ter caído do cavalo. — Olhou para o lume da lareira. — Vamos precisar de água quente e ligaduras.

Patience não esperou pela resposta de Mary. Dirigiu-se à prateleira, junto à enorme lareira de pedra, para ir buscar a caixa de madeira onde o pai guardava os medicamentos. Ergueu as duas mãos para pegar na caixa oblonga, retirou-a e pô-la debaixo do braço.

Mary foi buscar uma braçada de tiras de linho a uma arca.

— Onde o vai pôr?

Patience mordeu o lábio ao fazer um esforço para equilibrar um frasco de unguento sobre a cómoda de teca. Hesitou. Era imperativo que nenhuma das meninas se apercebesse da presença do homem, e George, apesar da sua corpulência, nunca seria capaz de o carregar pela escada até um quarto. Apontou para o corredor estreito que levava ao alojamento dos criados.

— No quarto do George.

Foi nessa altura que Charlie entrou de rompante e a toda a pressa, saltando ora num pé ora noutro, enquanto mantinha a porta aberta. George transportava ao ombro William Sterling, quase desfalecido.

— Onde querem que o ponha?

Patience apontou para o corredor.

— Põe-no no teu quarto, até encontrarmos uma solução melhor.

Patience agarrou numa das velas de Mary com a mão livre e seguiu Charlie e George até ao pequeno quarto. A chama tremeluzia, criando formas esquisitas nas paredes e no teto inclinado. O coração de Patience batia com uma cadência errática quando George pousou o corpo inanimado do Sr. Sterling no colchão de palha e lhe arrancou o casaco encharcado dos ombros largos.

A jovem pousou o estojo dos medicamentos sobre a cómoda.

— Já voltou a si?

A resposta de George não foi muito tranquila.

— Não soltou um pio.

Patience afastou do ombro a longa trança e ajoelhou-se, posicionando a vela para iluminar o rosto do homem. Tinham passado anos desde a última vez que vira o Sr. Sterling, mas agora, à luz da

vela, reconheceu-lhe o nariz direito. E a cova do queixo. Contudo, o que tinha diante de si fazia-a retrair-se, pois o homem estava praticamente irreconhecível. Tinha o olho esquerdo negro e fechado do inchaço. Sobre os lábios e sobre o queixo havia uma crosta de sangue seco e terra. Na testa tinha uma madeixa suja de cabelo castanho, e a cabeça pendia-lhe numa completa insensibilidade.

Patience levantou-se e apanhou o cobertor que se encontrava aos pés da cama.

— Precisamos de o manter quente. Mary, vai buscar água e uma compressa.

George deixou que o Sr. Sterling se encostasse à almofada e puxou-lhe as pernas para cima da cama. Patience cobriu-o com os cobertores, reparando que as botas ficavam fora da cama. Não se recordava da última vez que o vira. Podia certamente ser o proprietário da escola, mas nunca aparecia — o administrador tratava de todos os assuntos referentes à propriedade e aos edifícios. Não frequentava a igreja. Acreditava que visitasse a aldeia, mas ela raramente tinha razões para sair de Rosemere. De facto, teria até dificuldade em reconhecê-lo à luz do dia, quando estivesse de boa saúde, quanto mais naquele estado.

Sentiu Mary junto a si, inclinando-se para o ver melhor.

— Valha-me Deus! O patrão Sterling parece morto.

Patience soltou um trémulo suspiro; depois comprimiu os lábios. Aquele homem, quer fosse o seu senhorio ou um qualquer vagabundo, precisava de ser socorrido. Portanto, sendo ela a mulher encarregada do colégio, trataria de que assim fosse.

— Mary, onde está a compressa? E traz-me os sais da caixa dos medicamentos do meu pai, por favor.

Patience sentou-se na cama, tão ao de leve como se esta tivesse pregos, e inclinou-se mais para observar as marcas no rosto de Sterling.

— O que acham que aconteceu? Terá caído do cavalo?

George soltou uma exclamação irritada.

— Não com esse corte no lábio.

Patience sentiu um aperto no estômago quando percebeu o significado das palavras. George não precisava de se explicar melhor

para que ela entendesse. Pensar que um homem fora espancado assim na proximidade da escola... Das suas meninas!

Quando Mary voltou, trazia nas mãos uma panela com água e um frasco, que lhe entregou.

— Obrigada. Aproxima a vela, por favor.

Mary colocou-se atrás do ombro de Patience.

Fazendo um esforço para firmar as mãos, Patience desenvolveu o frasco e passou-o por baixo das narinas do homem, para que ele sentisse todo o efeito dos vapores.

Quando inspirou de novo, William Sterling limitou-se a fazer uma careta. Não era exatamente a resposta que Patience esperava. Trocou então o frasco pela compressa de Mary.

Sentiu na mão o linho quente e pesado. Afastou o cabelo da testa do Sr. Sterling, mas retirou a mão ao ver que havia mais sangue.

O corte na testa parecia mais grave do que pensara. Muito mais grave do que qualquer ferimento de que se lembrava de ter visto dentro do perímetro escolar.

— Acham que será melhor mandar chamar o cirurgião?

George inclinou-se para ver melhor, semicerrando os olhos na luz fraca.

— E deixar a senhora e as meninas aqui sozinhas com um homem dentro de casa?

Patience abanou a cabeça.

— O Sr. Sterling dificilmente será uma ameaça, George, pelo menos neste estado. Creio que ficaremos em segurança.

George parecia hesitante.

— Como queira, menina. — O som pesado das botas indicou a sua partida.

Patience tratou de dar atenção ao Sr. Sterling. Estava tão perto dele — mais perto do que alguma vez estivera de um homem em muitos anos, com a exceção do pai e do irmão. Limpou as mãos às dobras do roupão de flanela, como se, ao fazê-lo, ficasse com mais direito a tratar daquela tarefa. Tinha experiência em tratar de galos e nódoas negras, resultantes dos acidentes das suas alunas, mas nunca de um homem — e nunca de feridas de tal magnitude. O corpo dele

mantinha-se ainda frio e, de cada vez que respirava, Patience sentia o cheiro da geada e da terra. De súbito, sentiu-se desajeitada, e a compressa que Mary lhe passara para as mãos parecia-lhe mais uma pedra do que um pano molhado. Mordeu o lábio e inclinou-se sobre o homem, sem saber onde e como começar.

Com movimentos cautelosos, tocou-lhe com a compressa na face queimada pelo vento e limpou a sujidade. Depois passou às têmporas e à testa, perto do corte, e, quando lhe tocou, o Sr. Sterling abriu os seus olhos azuis cor de gelo e sentou-se na cama tão de repente que quase atirou Patience ao chão.

Esta soltou uma exclamação abafada e recuou imediatamente como se ele fosse uma cobra prestes a atacar.

O Sr. Sterling franziu a testa e olhou em volta, atónito. Parecia um animal, sem saber se devia atacar ou fugir. Tinha o cabelo claro colado ao rosto húmido e semicerrava os olhos para melhor a observar. Olhos frios. Firmes.

Soltou uma única palavra sufocada:

— Isabelle!

Com o coração sobressaltado, Patience aproximou-se da cama, esforçando-se para falar em voz baixa e calma. Tentou tranquilizá-lo, como se falasse com uma aluna que tivesse acordado de um pesadelo.

— O senhor foi ferido, Sr. Sterling. Deite-se, por favor.

Ele fitou-a e o seu olhar penetrou-a como se quisesse ler-lhe os pensamentos ou espiar-lhe a alma. Depois, tão depressa como acordara, a sua expressão desapareceu. Tinha os olhos cavados nas órbitas. Confuso, fitou Patience e depois Mary, antes de se deixar cair de novo com a cabeça na almofada.

Patience soltou a respiração que sustivera e lançou um olhar hesitante a Mary, cuja pele parecia cinzenta depois de ter assistido àquela cena dramática. Tímida como um cordeirinho, Patience sentou-se de novo, pegou na compressa e encostou-a ao rosto dele. Desta vez as pestanas negras de Sterling estremeceram, mas mantiveram-se fechadas, e o homem limitou-se a gemer.

— Bem — murmurou Patience —, não restam dúvidas. O que lhe aconteceu foi, de facto, grave.

Mary, a quem nunca faltavam opiniões, puxou uma cadeira para mais perto e continuou a segurar na vela.

— Tchh... A senhora sabe que dizem que ele é um bom patife.

Patience lançou a Mary um olhar de advertência. Não tolerava juízos daqueles da parte do seu pessoal. Mas não teria ela partilhado dos mesmos pensamentos? Ouvira as histórias, os boatos.

Sentada na beira da cama, voltou a dar atenção ao seu paciente. O homem trazia consigo o cheiro a charneca e a cavalo. Inclinando-se mais, apercebeu-se também do cheiro a cerveja. Patience compriuiu os lábios. Talvez as histórias fossem verdadeiras.

Mas fossem boatos ou não, o homem tinha de ser tratado. Com um toque suave, encostou o pano à pele ferida, retirando dela os restos de terra e de sangue.

— Quem pensa a senhora que seja a Isabelle? — murmurou Mary.

Patience hesitou antes de pousar o pano. Não havia dúvida de que as histórias a respeito dele eram verdadeiras.

— Não te sei dizer.

Quando lhe tocou com o pano junto à ferida da cabeça, Sterling encolheu-se. Abrira de novo os olhos, mas, desta vez, olhara para ela, um breve instante antes de tentar sentar-se.

Assustada, Patience levantou-se e pousou-lhe a mão no ombro. Mesmo no seu estado enfraquecido, os seus músculos fortes estremeram sob o linho fino da manga tufada.

— Não, não, por favor, deite-se. O senhor caiu do cavalo.

Ele afastou-lhe a mão e sentou-se com um esgar de dor. Tocou no próprio rosto e depois olhou para o sangue que tinha na mão.

Patience pigarreou.

— O senhor está em Rosemere.

Ele ignorou-a e tratou de passar as pernas para fora da cama, mas, ao fazer tal movimento, teve de se agarrar às costelas para as proteger e oscilou para a esquerda.

Patience avançou para lhe oferecer apoio, para o caso de ele se desequilibrar.

— Por favor, fique quieto. O nosso criado foi buscar o cirurgião e...

— Não! — A voz dele parecia áspera como pedras. — Nada de cirurgias.

Patience quis argumentar. Certamente ele saberia que não se encontrava em estado de partir, que precisava de ser tratado. Reparou que Mary tinha um pequeno copo de brandy na mão. Pegou nele e disse:

— Vá, beba isto, para se aquecer.

Sterling não protestou, mas, quando o copo lhe tocou no lábio cortado, estremeceu e devolveu-lho.

— Rosemere?

— S... sim, senhor.

Sterling semicerrou os olhos.

— Onde está o Edmund Creighton?

Patience endireitou-se, ao ouvi-lo mencionar o nome do pai.

— O meu pai morreu há seis meses.

Ele ergueu uma sobrancelha até onde o profundo corte da testa lho permitiu.

— Então e o Rawdon Creighton?

— O meu irmão está em Londres.

Foi nesse momento que Patience percebeu que o Sr. Sterling não sabia quem ela era. E porque haveria de saber? Porque haveria um homem na sua posição de saber o nome da filha do diretor?

Sentindo-se mais confiante, ignorou a descortesia e afastou do rosto uma madeixa de cabelo.

— Saiba que me chamo Patience Creighton. Sou irmã de Rawdon Creighton e a atual diretora de Rosemere.

Sterling foi traído pelo seu olhar vago.

— Certamente, menina Creighton. — Observou-lhe o rosto por momentos, sem se esforçar por ocultar a confusão. Franziu a testa quando se endireitou. — Peço desculpa pela intrusão.

— Não peça desculpa. — Patience pousou-lhe a compressa sobre a mão suja e, a seguir, escondeu as mãos atrás das costas. — Estou mais preocupada acerca do seu bem-estar do que com as horas.

Durante algum tempo, o silêncio impediu-os de falar, mas, quando o Sr. Sterling tentou pôr-se de pé, Patience aproximou-se

mais. A princípio pensou oferecer-lhe o braço para que se apoiasse, mas depois desistiu de um ato tão íntimo.

— O meu cavalo está aqui? — perguntou, mal-humorado.

— Encontrámos um cavalo selado no pátio.

— Ainda bem.

Ela respirou fundo ao vê-lo pousar os pés no chão.

— Só que o senhor está ferido e ainda é de noite... Pelo menos espere pelo nascer do Sol...

Mas Sterling já se levantara, aproximando-se dela com passos incertos. Depois, tão rapidamente como a sua chegada interrompera a paz da madrugada, avançou para a porta do quarto com alguma dificuldade e desapareceu.

Patience começou a pensar se não teria visto um espírito, talvez uma névoa, mas, ao fitar os enormes olhos de Mary, confirmou que aquele era o seu senhorio — em carne e osso. Olhou para o espaço vazio que o homem deixara, chocada pela surpresa do visitante ensanguentado e pela rudeza do seu comportamento. Apressou-se a chegar à janela e viu-o afastar-se a coxear sobre a neve em direção à cavalaria, até desaparecer no interior do edifício às escuras.

Sentiu dentro de si uma dura batalha. Desejava voltar para o calor do seu quarto e esquecer que o Sr. Sterling ali estivera. Esquecer a visão do sangue. Mas a ideia do homem — de qualquer homem — que momentos antes se mostrara pouco coerente e que estava agora no exterior, preparado para partir, feria-lhe a consciência.

Agarrou no sobretudo de que o Sr. Sterling se esquecera, ignorou os protestos de Mary e saiu para a luz cinzenta que anunciava a madrugada.

Atravessou o pátio até à cavalaria, aproveitando as pegadas deixadas pelas enormes botas do Sr. Sterling para impedir que a neve penetrasse nos seus finos chinelinhos. Chegou às cavalariças a tiritar, exatamente quando ele saía, seguido de Charlie, que parecia espantado como o menino que era.

Patience quase teve de gritar para se fazer ouvir por cima do vento que varria a charneca.

— Devo opor-me, Sr. Sterling.

Ele fingiu não a ouvir, ou não a ouviu de facto, tentando pôr a biqueira da bota no estribo. Patience ficou a olhar, impotente, vendo como ele falhava a primeira tentativa de montar a cavalo.

— Pelo menos vista o casaco — implorou Patience, estendendo-lhe o sobretudo húmido. — Vai acabar por morrer.

À segunda tentativa, o Sr. Sterling conseguiu montar o irrequieto animal. Patience não lhe conseguia ver a cara enquanto ele obrigava o cavalo a dar a volta. Apercebendo-se de que não conseguiria dissuadi-lo, desviou-se do cavalo, com o casaco ainda no braço, para evitar ser pisada.

— Vou mandar o George saber se o senhor chegou bem a casa — exclamou.

— Obrigado, mas não é preciso.

Dizendo isto, William Sterling esporeou a montada. Todavia, em vez de tomar o atalho que levava à estrada principal, obrigou o animal a dar a volta e seguiu a toda a pressa pelo caminho que atravessava a charneca. Por que diabo escolheria aquele atalho estreito e cheio de sulcos em vez da estrada larga, principalmente com tão pouca luz?

O bater dos cascos desvaneceu-se, e Patience e Charlie ficaram a fitar a charneca, até cavalo e cavaleiro desaparecerem.

A voz juvenil de Charlie cortou o silêncio.

— Menina Creighton, o casaco!

Patience, sem saber ainda o que pensar dos acontecimentos da madrugada, esquecera-se completamente da peça de vestuário molhada que tinha no braço. Voltou-se para o rapaz.

— Bom, parece que a emoção desta manhã já acabou. O nosso querido George vai regressar com o cirurgião e não encontrará o paciente. — Sorriu a Charlie, ajeitou o sobretudo num braço e com a outra mão apertou o ombro do rapaz. — Mais tarde tratamos deste assunto. Obrigada pela tua ajuda. Vai descansar um pouco antes do pequeno-almoço.

O rapazinho sorriu e acenou com a cabeça antes de voltar para o calor dos seus aposentos nas cavalariças.

Patience olhou para trás, para o outro lado da sebe, onde a névoa da manhã ainda cobria a charneca. Nunca tivera medo em Darbury,

mas também nunca ouvira falar de assaltos por ali. Poderia aquilo acontecer numa aldeia tão tranquila? Sentiu um arrepio e voltou para o calor da cozinha.

Lá dentro, Mary esperava-a de cara franzida.

— Como? Ele não levou o casaco?

Patience pendurou o sobretudo no cabide para o secar junto à lareira já acesa.

— Parecia cheio de pressa para se ver livre de Rosemere.

— De certeza que não ia fazer nada de bom. A menina já conhece os Sterlings — retorquiou Mary, irritada.

— Por acaso não conheço. — Patience aproximou-se do lume, esfregando os braços para se aquecer e desfrutar do calor. — E devo recordar-te de que tu também não os conheces. Tanto quanto sabemos, ele foi atirado do cavalo.

— Viu aquele corte que tinha no lábio? Não foi de...

— Mary! — Para Patience era mais fácil zangar-se do que admitir que podia partilhar daquele pensamento. — Daremos ao Sr. Sterling o benefício da dúvida e vamos rezar para que a sua montada tenha o bom senso de não o derrubar. — O silêncio pairou pesado a seguir à estranha reprimenda, e Patience, cansada depois da crise inesperada, levou a mão à testa. Pelo menos nenhuma das raparigas descerá à cozinha e vira o visitante, e, se ela conseguisse levar a sua avante, nunca saberiam que ele lá estivera.

— Não falemos disto ao restante pessoal. Principalmente às meninas. — Patience dirigiu-se para o seu quarto.

— E à sua mãe? A Sra. Creighton? Dizemos-lhe?

As palavras de Mary fizeram com que Patience se detivesse. Preferia fingir que a criada não as pronunciara, e fez um esforço para instilar confiança no seu tom de voz.

— Tendo em conta o estado de saúde da minha mãe, nada lhe diremos acerca desta visita.

— Muito bem, menina. Vá descansar. Eu limpo tudo e espero a chegada do George e do Sr. Wilson.

Normalmente, Patience ficaria à espera do cirurgião para o receber pessoalmente, mas algo igualmente importante lhe pesava no

espírito. Rawdon, o irmão. Sendo o proprietário legal do colégio, deveria ser informado de tudo aquilo.

Sem querer acordar as alunas, Patience optou por subir a escada dos criados que ia da cozinha para a ala ocidental. Os degraus estavam velhos e irregulares naquela parte da casa, de modo que ergueu bem alto a vela para iluminar todas as saliências e rachas.

Sentia a cabeça a latejar. Recordava-se de um tempo, não muito longínquo, em que, para si, nada havia de mais romântico do que a ideia de um desconhecido belo e ferido lhe aparecer à porta no meio de uma madrugada cheia de neve. Sobre tudo se esse desconhecido fosse tão rico e elegante como o Sr. William Sterling. Os seus dias de jovem impressionável já iam longe; contudo, dificilmente negaria que, ao vê-lo, atraente apesar das suas feridas, um sonho há muito esquecido a invadira de novo. Sentia curiosidade, muito mais curiosidade do que deveria, tendo em conta as circunstâncias.

Censurou-se imediatamente. Precisava de se concentrar para manter a ordem no colégio a que dedicava a vida e não dar largas a fantasias infantis acerca de um homem que nem se apercebera da sua existência.

Pelo menos era disso que tentava convencer-se.

Patience deteve-se no cimo das escadas. O corredor, que na sua juventude parecia infinito, era afinal estreito, com quartos dos dois lados e uma sala num dos extremos, com uma janela que dava para o pátio e para as cavalariças. Mesmo pisando o chão antigo ao de leve, este rangia e gemia sob o seu peso. Não desejando acordar a mãe, seguiu pelo corredor em bicos de pés, fez uma pausa à porta do quarto dela e seguiu depois para o seu.

Uma vez no interior do seu quarto, colocou a vela sobre a estreita escrivaninha e sentou-se. O corpo pedia-lhe o descanso e o calor da cama, mas vários pensamentos lhe povoavam a mente. Pegou numa caneta e colocou diante de si uma folha de papel em branco. Certamente que tendo conhecimento da visita durante a madrugada e da existência de violência na charneca, Rawdon regressaria. Desde a sua súbita partida seis meses antes, recebera apenas duas cartas dele: uma anunciando que chegara a Londres e outra a dizer que

fora retido. Afirmava ter de continuar em Londres para resolver os negócios do pai a seguir à morte deste. Não dera outra explicação.

A princípio Patience esperava todos os dias a chegada do irmão, mas presentemente não sabia quando o teria de volta. Ou se ele regressaria.

Patience adorava o colégio — e as suas jovens pupilas, dentro daquelas paredes. Era a sua casa, desde o dia em que nascera. Mas o peso de se encarregar sozinha de todos os detalhes era demasiado. Comprimiu os lábios, zangada por o irmão a ter abandonado. Mergulhou o aparo na tinta e aproximou a ponta do papel.

Seria exatamente isso que lhe diria.

3



William estremecia de cada vez que respirava. Mas, pelo menos, o frio implacável atenuava-lhe a dor e desviava-lhe a atenção do latejar que sentia no rosto e do incômodo das costelas.

Os ramos escuros e o nevoeiro agitado pareciam em constante movimento à sua volta, ora nítidos, ora desfocados. Até *Angus* parecia sentir o cansaço do dono, pois avançava com invulgar lentidão. Cada passo do animal era uma tortura para o corpo de William.

Rosemere ficava a menos de dois quilômetros de Eastmore Hall. A viagem deveria ser fácil, pois a luz da manhã já permitia que tudo lhe fosse familiar.

A neve recomeçara a cair, a princípio suave como um sonho, com flocos brancos muito fofos a flutuarem na primeira luz da manhã. O aroma picante do frio e do gelo rodeavam-no, e a erva gelada rangia sob os cascos do animal. Porém, embora o pior da tempestade tivesse passado, os ventos, fortes e agrestes, continuavam a fazer sentir a sua presença. Nem se atrevia a desejar um tempo mais calmo, pois, apesar do frio de rachar, o incômodo estava de acordo com o seu crime. Não fora ele que provocara a situação e tudo o mais a ela associada?

Quase conseguia ouvir a voz do pai, na manhã silenciosa:

Um tolo e o seu dinheiro rapidamente se separam, e é tarde demais quando chega o arrependimento.

Quando se transformara ele no tolo acerca do qual o pai o advertira? A enormidade da sua perda fazia-o sentir-se doente, perdido.

O jogo. Milhares de libras perdidas por sua própria culpa. Fora outrora o homem mais rico das redondezas e tinha sido espancado por uma dívida que não conseguiria pagar. Não poderia culpar senão a sua pessoa. A culpa era sua. Sua por não olhar às consequências.

Obrigou *Angus* a deter-se quando começou, mais uma vez, a subir *Wainslow Peak*. Diante de si, velada pela pálida luz da manhã, estendia-se a terra dos *Sterlings*. No seu centro ficava *Eastmore Hall*, um majestoso testamento de pedra ao espírito inflexível da família. O pai bem tentara instilar nele o profundo sentido dos negócios. Uma visão arguta para os números. Um espírito ambicioso. Mas esses traços pareciam ter passado para *Graham*, o seu irmão mais novo, e não para ele. Quantas vezes o pai censurara a natureza impulsiva de *William*, a sua tendência para as travessuras?

O pai investira tudo na criação de animais, declarando repetidamente que era nisso que *Eastmore* deveria concentrar-se se queriam manter-se nessa zona de Inglaterra; porém, *William* nunca se interessara por carneiros. Nem pela agricultura. Nada lhe interessava senão os cavalos. Quanto mais veloz fosse o animal, quanto mais forte, tanto mais o fascinava.

Quando era rapaz, com dinheiro no bolso e preferência por aventuras pouco sensatas, a ele e aos amigos raramente lhes faltavam proezas. Mas essas ações haviam sido leviandades tontas e juvenis. O padrão só se tornara autodestruidor quando o seu coração pagou o preço da loucura.

Isabelle.

Ele entregara-lhe o seu coração e ela igualara-o na sua irrequietude, no seu espírito selvagem. Mas fora a traição, o súbito desaparecimento dela que lhe quebrara a alma e o empurrara para o caminho da desgraça. Tentara abafar a dor com a diversão. Apostara nos cavalos — e perdera. Perdera somas que pagariam o resgate de um rei.

O arrependimento pesava sobre ele e doía-lhe mais do que as feridas que lhe marcavam o rosto e o corpo. Nas profundezas da repugnância que sentia por si próprio, restavam-lhe apenas duas

alternativas: desistir da herança, vender Eastmore Hall e a terra que lhe estava associada, pagar a dívida e levar uma vida pobre, mas livre; ou tentar a sorte mais uma vez. Esta última opção parecia-lhe mais agradável, mais atraente. Afinal de contas, ele era um jogador que não se intimidava facilmente com a perspectiva de perder ou de ficar arruinado. Quanto mais alta a fasquia, mais alto o seu interesse e maior o seu investimento. Corrigiria os erros passados e recuperaria a antiga glória de Eastmore Hall, ou aceitaria a sua extinção. Preci-sava de tempo. *Três meses até ao regresso do Capitão Rafertee.*

E um pouco de sorte não lhe faria mal.

O dia amanheceu cinzento e pouco agradável. Um rápido olhar pela janela do quarto confirmou a Patience que uma generosa camada de neve cobria os terrenos de Rosemere, e, pelo aspeto das nuvens carregadas e da leve bruma, a neve voltaria a cair.

Dentro das paredes de pedra, o colégio ganhava vida. Passara mais ou menos uma hora desde a partida do visitante madrugador. O aroma a café forte, a chocolate quente e a pão acabado de cozer enchia os corredores, bem como a conversa entusiasmada das meninas que davam início às suas rotinas matinais.

Se fechasse os olhos com força, Patience conseguiria imaginar que as coisas continuavam como no tempo em que o pai era vivo. Contudo, por muito que tentasse, o simples ato de fechar os olhos e fingir não alterava o facto de o pai já ter falecido. Ou de a mãe não conseguir lidar com essa perda. Ou de o irmão ter desertado quando ela mais precisava de ajuda.

Enquanto Mary a ajudava a enfiar um sombrio vestido cinzento, semelhante aos que vestia todos os dias desde a morte do pai, Patience refletia sobre a misteriosa visita do Sr. William Sterling. As histórias que ouvira a respeito dele, murmuradas pela aldeia, pareciam-lhe cheias de mistério e extravagância. Mas o homem que nessa madrugada estivera deitado na cama de George dificilmente as personificava. Parecia rude, desagradável.

Talvez perigoso.

Mesmo assim... intrigante.

A memória da expressão ousada nos seus olhos azuis cor de gelo recusava-se a abandoná-la. Talvez fosse a atração do desconhecido. De coisas para além dos muros de Rosemere. De um mundo — de uma vida — que nunca conheceria ou compreenderia. Ou simplesmente a emoção de um possível caso amoroso.

Patience olhou pela janela para os flocos de neve que abraçavam os esqueletos de roseiras e arbustos. Teria ele ido para casa, para Eastmore? Se tivesse ficado em Rosemere como ela sugerira, desfrutaria de calor e segurança. Mas, possivelmente, seria ela a ver-se a braços com uma situação difícil de resolver: como impediria que as suas 29 pupilas descobrissem a presença daquele homem no colégio?

Decidiu não pensar mais no assunto. O que estava feito estava e, assim que descesse a escada, não mais teria um momento de solidão, até que a noite caísse outra vez sobre a charneca.

Não poderia ser de outro modo.

Patience mandou Mary preparar o pequeno-almoço das meninas, prendeu o relógio de bolso do pai à corrente que trazia ao pescoço e ajeitou uma madeixa de cabelo negro sob uma travessa de marfim antes de sair para o corredor. Depois de fechar a porta do quarto, dirigiu-se para o da mãe. Hesitou antes de pousar a mão no puxador de latão. Verdade fosse dita, precisava de mais energia para enfrentar a mãe do que para todas as alunas que a esperavam lá em baixo.

Todas as manhãs era a mesma coisa. Cumprimentava a mãe com todo o entusiasmo, mas nunca sabia o que esperar. Havia dias melhores e, nesses, Patience permitia-se esperar que talvez a mãe estivesse a recuperar o gosto pela vida. Mas depois vinham os outros dias, em que as lágrimas de desgosto roubavam à Sra. Creighton a capacidade de falar, dias em que ela mal se conseguia levantar da cama.

Patience fez um esforço para mostrar um sorriso e uma expressão de alegria e bateu à porta.

— Mãe?

Esperou, mas não obteve resposta.

— Mãe, está acordada? — insistiu.

Silêncio.

Patience rodou o puxador e entrou no quarto escuro de Margaret Creighton. A luz era filtrada através das cortinas, mal iluminando o corpo ainda deitado.

Patience suspirou. Seria um daqueles dias.

Com passos determinados, dirigiu-se à janela e afastou com força o reposteiro de brocado. A luz prateada chegou a todos os cantos do quarto, iluminando o espaço e provocando os protestos da parte da mãe.

— Patience! O que estás a fazer? Fecha imediatamente esses reposteiros.

— São horas de se levantar. Hoje temos muito que fazer.

— Não me sinto bem — disse, numa voz abafada por um monte de edredons e colchas. — Deixa-me em paz.

Patience ignorou o tom de voz da mãe e recusou-se a deixá-la ficar naquela apatia.

— Tem de ser, mãe! — Observou o quarto e reparou que não fora a primeira a tentar acordá-la. Fora sem dúvida Mary quem lhe deixara o tabuleiro do chá sobre a escrivaninha, ainda com o vapor a escapar-se do pequeno bule. Serviu uma chávena e levou-a à mãe. — Beba.

Com uma expressão de impaciência, a mãe afastou-lhe a mão.

— Não ouviste? Não me sinto bem.

Patience engoliu em seco o ressentimento que a invadia — a resposta transformara-se no seu ritual diário.

— Pelo menos tente levantar-se.

— Porquê? — A mãe sentou-se, irritada, com o cabelo branco que se escapara de dentro da touca de dormir a cair-lhe sobre o rosto. — Porque me hei de levantar?

Patience pôs a chávena rejeitada no tabuleiro e foi até ao guarda-vestidos. Estava cansada de ouvir a mesma coisa dia após dia.

— Vou dar-lhe 29 razões válidas para que se levante, e estão todas lá em baixo à espera para aprender.

Patience retirou do guarda-vestidos um vestido de musselina, preto, próprio para o luto, e exibiu-o diante da mãe.

Esta limitou-se a declarar, irritada:

— Essa era a ideia do teu pai, não a minha.

— Nesse caso teremos apenas uma alternativa, não é verdade?

— Patience colocou o vestido no braço e regressou à cama. — Teremos de fechar o colégio. Mas, tendo em conta que eu e a mãe não temos para onde ir e que, para viver mês após mês, apenas podemos confiar no rendimento da escola, não teremos outro remédio senão apelar à caridade.

— Como podes ser tão insensível? — Os olhos da mãe encheram-se de lágrimas.

Patience lamentou imediatamente ter sido tão brusca. Mas durante quanto tempo poderia permitir que a mãe permanecesse deitada na cama, enfaixada no seu desgosto e recusando-se a viver a vida?

Patience sentou-se na cama, ao lado da mãe, afastou o roupão e o espartilho e tomou-lhe a mão na sua.

— Não há palavras para descrever as saudades que tenho do pai. Mas ele desejaria que avançássemos e continuássemos o trabalho que ele começou. Teria um desgosto enorme se a visse tão desesperada. Por favor, mãe, tem de tentar. — Patience estendeu a mão para um lenço de linho que se encontrava sobre uma mesinha de pau-rosa ao lado da cama. — Por favor, mãezinha, tem de sair da cama. Hoje tomaremos o pequeno-almoço lá em baixo. A Louisa está com dificuldades em Francês. Talvez a mãe lhe pudesse dar uma ajuda. E ficaria mais animada.

— Quem me dera que o Rawdon regressasse. Porque será que não volta para junto de nós?

Patience respirou fundo e precisou de todo o controlo sobre os músculos do seu rosto para não deixar transparecer a sua frustração. *Rawdon. Sempre Rawdon.*

A recusa da mãe em aceitar que o irmão as abandonara ofendia Patience. Como poderia ela não se aperceber? Contudo, dia após dia, falava dele como se o seu regresso estivesse iminente.

Também Patience desejara que ele voltasse — a princípio. Mas tornara-se evidente que não eram esses os planos do irmão. E isso

significava que as responsabilidades de gerir a escola recaíam sobre ela. Que vontade sentia de recordar à mãe esse pormenor. A lembrança da partida de Rawdon era o suficiente para deixar Patience furiosa.

Porém, guardava para si essa opinião — a mãe nunca a ouviria.

— O Rawdon foi-se embora há seis meses. Só mandou notícias duas vezes. Creio que a mãe se deve preparar para o facto de...

— Nem te atrevas! — A voz da mãe vibrou com súbita intensidade. A senhora semicerrara os olhos claros, lacrimejantes. — Ele vai regressar e pôr tudo como deve ser. Vais ver.

Pôr tudo como deve ser? Patience impediu-se de responder. Tanto que tinha trabalhado durante meses para que o colégio se mantivesse eficiente, e o seu esforço era ignorado pela mãe, parecendo pouco mais do que um murmúrio levado pelo vento.

ELA DEDICOU A SUA VIDA AO COLÉGIO.
MAS AGORA A SUA VOCAÇÃO
E O SEU CORAÇÃO ESTÃO EM PERIGO.

DARBURY, INGLATERRA, 1816

Patience Creighton é uma jovem solteira de 25 anos que tem dedicado a vida a administrar o colégio de Rosemere. Mas tudo parece prestes a mudar quando William Sterling, o enigmático proprietário do colégio, aparece à sua porta a meio da noite, agredido e inconsciente. Sterling cometeu muitos erros no passado, o que lhe trouxe problemas financeiros e o pôs em risco de vida com o ataque dos homens do seu credor.

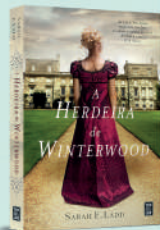
Depois de acordar sob os cuidados de Patience, Sterling deixa Rosemere e parte para a sua propriedade, mas não consegue esquecer a adorável diretora que tratou de si. Regressa então a Rosemere com o objetivo de saber mais sobre ela e, à medida que passam tempo juntos, algo especial começa a nascer entre eles.

Mas Sterling sabe a ameaça que recai permanentemente sobre si, pois não tem como pagar as dívidas e manter os seus bens. Vender Rosemere e as terras em seu redor poderá ser a única forma de preservar o seu legado. Mas também pode custar a sua felicidade.

«Se é fã de Jane Austen
ou do livro *Jane Eyre*,
vai adorar Sarah E. Ladd.»

USA TODAY

LEIA TAMBÉM:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-668-939-1



9 789896 689391

Ficção Romântica